

A cabeça da mula

JORNAL DO BRASIL

Marcelo Cerqueira *

Dia desses, nesta mesma página democrática do JORNAL DO BRASIL, Herbet de Souza reclamava da loucura que o governo imprimira à direção do Estado. Tão sem rumo ia, que Betinho comparou o governo a uma "mula sem cabeça".

A equipe econômica, empolgada com a linguagem do liberalismo exacerbado, queria porque queria modernizar o capitalismo brasileiro, a despeito dos seus capitalistas. O comportamento da equipe, para usar uma expressão de Marx, assemelhava-se a um "capitalista abstrato" que promovia a mediação do Estado para desenvolver o capital, apesar de uma classe empresarial acostumada ao uso do governo.

Lê-se em Duverger que a oligarquia econômica não exerce por si mesma o poder político. Dirige diretamente a produção, mas indiretamente o governo, através de uma "classe intermédia" formada por políticos, funcionários e manipuladores de opinião pública. E sempre foi assim: os ministros da Fazenda, estreitamente articulados aos grandes empresários, vão tocando a economia. Ora a hegemonia é absoluta do capital estrangeiro (Roberto Campos), ora é matizada pela importância patrimonialista de

São Paulo (Funaro). Mas os capitalistas não deixam de satisfazer, em forma de lucros imediatos, seus interesses, sejam externos, sejam da variada espécie que compõe as oligarquias de norte a sul.

Mas as eleições presidenciais engendraram uma curiosidade. O primeiro governo Collor considerou-se quite com o meio empresarial, que nele depositou todas as suas fichas, pela simples derrota que imporia à esquerda. Desembaraçado de qualquer compromisso, lançou-se na aventura de uma política que combinava planos ousados com afirmações de temperamento.

Aí não tinha como deixar de prosperar a proposta ilustrada de centro que levou o selo do ex-governador Orestes Quérzia, cujo projeto rapidamente empolgou seu partido e ocupou inteiramente o espaço da oposição, fazendo espirrar os setores mais aguerridos dela.

O empresariado, São Paulo à frente, órfão do governo em curso, apostou no governo do futuro. O governo de amanhã será a oposição de hoje, até para colocar um pouco de juízo nos pastores da "mula". Seria fatal a atração pelo projeto Quérzia.

Mas os mirabolantes planos de modernização das elites não dão certo. Nem com elas, nem com ninguém. A "mula" desembestada acaba tropeçan-

do nos aliados e levando na sua queda aquilo que um ditador de outrora teria chamado de "setores sinceros, porém radicais".

Isolado, o presidente Collor parte para recompor as relações de governo com seus aliados naturais. Demite os jacobinos e contrata os girondinos. A "mula", agora, já tem cabeça (no bom sentido!) e a Gironda paulista respira aliviada.

Essa nova composição de forças tenderá a recuperar uma gorda fatia do meio empresarial. Suculento pedaço a ser retirado da base de sustentação de Quérzia, já sem interesse em participar de um projeto de oposição. Preferem ser governo com Collor, hoje. Podem ser governo com Quérzia, amanhã. Ou com outro governo que governe com eles.

Quérzia persistirá como candidato de poderosas forças políticas que nele vêem a possibilidade de voltar às "agruras" do poder. Mas terá dificuldades de unir seu partidão, se vingar a composição natural entre a oligarquia econômico, e sua "classe intermédia".

O tiro desfechado contra a ministra Zélia pode ter pegado em cheio no candidato Orestes Quérzia.

* Advogado, professor de Direito Constitucional